

O lazer como resistência à produção da cidade: ensaio sobre a praia da estação em Belo Horizonte (2010-2015)

Leisure as resistance to production of the city: essay on “Praia da Estação”, Belo Horizonte, Brazil (2010-2015)

El ocio como resistencia a la producción de la ciudad: ensayo sobre la “Praia da Estação” en Belo Horizonte, Brazil (2010-2015)

Helena Carvalho Coelho¹
Izabella Galera²
Maria Clara Santos³

Resumo: A produção da cidade acompanha a lógica da valorização da terra, antes valor de uso, agora valor de troca. Diversos processos que materializam (fisicamente a cidade) fomentam e completam esse processo - como é o caso da moradia e do lazer, por exemplo, e a dicotomia existente do espaço público e privado, neste processo. O que se pretende, portanto, é estudar e criticar como a produção da cultura, em especial do lazer, está atrelada a lógica desse modelo de produção da cidade, tendo como principal marco teórico a crise urbana dos anos 90, e como essa lógica fomentou a mecanização da cultura e dos espaços de lazer e, ao mesmo tempo, produziu mecanismos de resistência de ocupação da cidade, os quais são fundamentais para uma nova cidade - para um resgate do valor de uso (e do espaço público). Neste sentido torna-se imprescindível articular como se transformaram as políticas públicas após a guinada neoliberal da década de 90 e como algumas manifestações de ocupação do espaço através da arte, cultura e lazer vieram como tentativa de suprir as demandas populacionais. É com esse objetivo que se pretende estudar a Praia da Estação, como manifestação cultural em Belo Horizonte, como união - inerente à praia, e diversidade, mas também dotada e reprodutora de construções (e contradições) derivadas do capitalismo, ao mesmo tempo em que uma tentativa de ruptura à produção do espaço imposto. Este estudo teve como base, além da bibliografia teórica consultada, a análise de reportagens jornalísticas entre 2010-2015.

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Direito da UFMG. Integrante do Observatório das Metrôpoles, núcleo RMBH. Bolsista CAPES. Advogada. E-mail: helenacarvalho9@gmail.com. ORCID: 0000-0003-0883-4264.

² Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFMG. Professora da Faculdade Izabela Hendrix. Integrante do Observatório dos Conflitos Urbanos, núcleo Belo Horizonte. Bolsista CAPES. Arquiteta. E-mail: izabella.galera@gmail.com. ORCID: 0000-0002-8330-6712

³ Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Direito da UFMG. Professora da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). E-mail: maclarasantos@gmail.com. ORCID: 0000-0002-6813-6356

Palavras Chave: Produção da cidade; Dinâmicas sócio-espaciais; Movimentos sociais; Praia da Estação.

Abstract: The production of the city follows the logic of the valorization of land, before use value, now value of exchange. Several processes that materialize (physically the city) foment and complete this process - as is the case of housing and leisure, for example, and the existing dichotomy of public and private space in this process. What is intended, therefore, is to study and criticize how the production of culture, especially leisure, is tied to the logic of this model of production of the city, having as main theoretical framework the urban crisis of the 1990s, and how this logic fostered the mechanization of culture and leisure spaces and, at the same time, produced mechanisms of resistance of occupation of the city, which are fundamental for a new city - for a recovery of the use value (and the public space). In this sense it becomes essential to articulate how public policies were transformed after the neoliberal turn of the 1990s and how some manifestations of space occupation through art, culture and leisure came as an attempt to meet the population demands. It is with this objective that we intend to study the “Praia da Estação”, as a cultural manifestation in Belo Horizonte, as a union - inherent to the beach, and diversity, but also gifted and reproductive of constructions (and contradictions) derived from capitalism, at the same time as an attempt to break the production of the imposed space. This study was based, in addition to the theoretical bibliography consulted, the analysis of journalistic reports between 2010-2015.

Keywords: City production; Socio-spatial dynamics; Social movements; Praia da Estação.

Resumen: La producción de la ciudad acompaña la lógica de la valorización de la tierra, antes valor de uso, ahora valor de cambio. Diversos procesos que materializan (físicamente la ciudad) fomentan y completan ese proceso -como es el caso de la vivienda y del ocio, por ejemplo, y la dicotomía existente del espacio público y privado, en este proceso. Lo que se pretende, por lo tanto, es estudiar y criticar cómo la producción de la cultura, en especial del ocio, está ligada a la lógica de ese modelo de producción de la ciudad, teniendo como principal marco teórico la crisis urbana de los años 90, y como esa lógica fomentó la mecanización de la cultura y los espacios de ocio y, al mismo tiempo, produjo mecanismos de resistencia de ocupación de la ciudad, los cuales son fundamentales para una nueva ciudad - para un rescate del valor de uso (y del espacio público). En este sentido se vuelve imprescindible articular cómo se transformaron las políticas

públicas tras el giro neoliberal de la década de los noventa y como algunas manifestaciones de ocupación del espacio a través del arte, la cultura y el ocio vinieron como intento de suplir las demandas poblacionales. Es con ese objetivo que se pretende estudiar la “*Praia da Estação*”, como manifestación cultural en Belo Horizonte, como unión - inherente a la playa, y diversidad, pero también dotada y reproductora de construcciones (y contradicciones) derivadas del capitalismo, al mismo tiempo en que un intento de ruptura a la producción del espacio impuesto. Este estudio tuvo como base, además de la bibliografía teórica consultada, el análisis de reportajes periodísticos entre 2010-2015.

Palabras clave: Producción de la ciudad; Dinámicas socio-espaciales; Movimientos sociales; *Praia da Estação*.

1. Introdução

Este estudo tem como proposta principal evidenciar a importância da articulação política junto com algumas manifestações de ocupação do espaço público através da arte, cultura e lazer. O mesmo buscou estudar as ações realizadas na Praça da Estação por intermédio do movimento *Praia da Estação*. Sediado em Belo Horizonte, unem-se neste espaço público as diversidades sociais que buscam a ruptura à produção do espaço imposto, ainda que se mantenha como reprodutor de construções e contradições derivadas do capitalismo. Tal imposição ao espaço deriva, inclusive, da distância geográfica que separa Minas Gerais de qualquer oceano; vinculando sempre a luta política, o uso do espaço público e o desejo de chegar ao mar, não em outro sentido, o movimento afirma-se através do "mesmo se o prefeito não deixar, a praia vai rolá, a praia vai rolá".

O estudo parte da tentativa de elucidar a significância da Praia e do mar dentro desta ação popular, apresentando-os como espaço alternativo de lazer. Para tanto, optamos metodologicamente por realizar um estudo retrospectivo desse tema por meio de reportagens jornalísticas, em um recorte histórico que vai dos anos de 2010 até 2015, culminando na construção de dois gráficos que apresentam as reportagens dos últimos cinco anos sobre o movimento Praia da Estação, assim como os temas mais abordados pela mídia com relação a essa proposta social.

O que se apresenta, ao longo do estudo, é o caráter político da Praia da Estação, onde os ativistas apropriam-se do espaço para refundar lutas políticas enfrentando o cenário político vigente; a característica principal dessas ações é o formato lúdico, que traduz questionamentos

embasados e um discurso que reafirma e reivindica o direito à cidade. Os cicloativistas, os movimentos feministas e de gênero, o Tarifa Zero, o movimento anti-Copa, entre outros, traduzem a ampla diversidade dos grupos da Praia. Tal composição impõe ao movimento uma horizontalidade em rede, afastando qualquer paralelismo com partidos políticos ou demais grupos institucionalizados (dominantes); ele é expressão da luta pelo direito à cidade e capitaneado principalmente por jovens.

O foco teórico, então, está em apresentar a produção da cidade consubstanciada na migração do valor de uso ao valor de troca, determinando que a cidade seja produzida majoritariamente pela e para a lógica da propriedade privada. Assim sendo, o espaço público torna-se uma zona de passagem, mera ligação de um ponto a outro, ao mesmo tempo em que, cada vez mais privatizado, atende a parcelas cada vez menores da população. Daí que, tal mudança de perspectiva de produção obriga também os movimentos urbanos a se reinventarem, transmutando-se em ações alegóricas que se afastam largamente do tradicional movimento de reforma urbana, mas que ainda conjugam em seu bojo as inúmeras lutas por uma cidade mais inclusiva. O centro de enfrentamento continua sendo a oposição aos interesses econômicos que, mais uma vez e ainda, se sobrepõem aos interesses da coletividade. É neste contexto que a Praia da Estação surge como resposta a uma antiga demanda: a necessidade de reinvenção da cidade e apropriação da vida urbana.

2. A produção da cidade

Descortinar como a cidade é produzida e materializada no espaço a partir de lógicas econômicas, refletindo tais diretrizes nos modelos de lazer, cultura e arte adotados, é o grande objetivo desta sessão, onde se investiga o giro entre a realidade da Praia e o contexto de embate em torno do direito à cidade.

A cidade internaliza como modo de produção de riqueza a mais-valia fundiária através da produção do solo como mercadoria. Neste sentido, o “deslocamento da análise da produção das coisas no espaço – e das atividades localizadas na cidade – para a produção do espaço urbano como produto social orientado pelas necessidades da ampliação do processo de acumulação” (CARLOS, 2015) reflete-se como um marco capaz de aprofundar as desigualdades no espaço.

Sendo a produção do espaço constitutiva para a vida humana por relacionar-se ao *habitat*, à moradia, condicionante de qualidade de vida, tal momento concretizador do capital apresenta-se, por meio de objetos de compra e venda, também como resultado de processos

especulativos, onde o Estado efetiva-se como produtor de um território de dominação (CARLOS, 2015), dadas as possibilidades da apropriação do espaço resultar em aproximações ou segregações de pessoas no território.

Em retrospecto, o período que inicia a intensa alteração do solo urbano no Brasil é a década de 30, reflexo da industrialização do país e migração do campo para a cidade e, posteriormente, do centro para a periferia. Todo o processo migratório foi marcado por uma escassa infraestrutura nas regiões centrais das cidades, incapazes de suprir a demanda por moradia decorrente do aumento da quantidade de pessoas vindas do interior, gerando um aumento do valor de mercado dos aluguéis. Ainda assim, aqueles que encontravam abrigo nos centros urbanos por muitas vezes submetiam-se a condições precárias de habitabilidade, como em cortiços, não obstante comprometessem boa parte da sua renda com o pagamento desses aluguéis.

O mercado de habitação incorporou, então, o sonho da casa própria, negócio que mediava a promessa de casas afastadas do centro, porém dotadas de maior grau de habitabilidade. Assim, foram gerados e apropriados novos espaços, produzidos a partir da proposta de vida longe dos cortiços. Tal produção do espaço foi contemplada nos processos de higienização social dos centros das, visando a expulsão dos trabalhadores para periferias, “essas regiões afastadas [que] se tornaram praticamente as únicas áreas em que os trabalhadores [...] conseguiam garantir uma residência na economia urbana de um Brasil que se industrializava” (HOLSTON, 2013).

Em paralelo ao sonho da casa própria, o reforço aos ideais de estabelecimento de propriedade privada criou um imaginário social em que nessas residia a condição para ser considerado cidadão, mitigando o senso coletivo, ainda que as construções fossem permeadas por um amplo processo de luta social, individualizável na edificação de sua própria moradia. As distinções que se assentam a partir da oposição entre o investimento de um aluguel não retornável à realização do sonho da casa própria “são fundamentais para a insurgência, nas periferias, de uma cidadania que se fez com base nas batalhas da vida urbana e em valores associados à apropriação da cidade” (HOLSTON, 2013).

Associado a esse quadro, a cidade esvaziava-se ainda mais em decorrência de problemas urbanos de outras esferas, ainda sem precedentes no Brasil: “Vargas reformulou a cidadania dos trabalhadores exatamente para extirpar quaisquer esferas públicas alternativas de uma organização autônoma da classe trabalhadora” (HOLSTON, 2013), isolando-os cada vez mais em seus espaços privados e periféricos. Embora organizados e ativos durante o período de ditaduras

militares que assola o continente latino-americano, que vai das décadas de 1960 a 1980, os movimentos sociais se reorganizam e ganham força com a redemocratização. A partir de então, as lutas que haviam se enfraquecido com as concessões varguistas, ou que foram sufocadas pelo regime militar, ressurgem em um cenário um tanto mais complexo. O movimento pela reforma urbana precisa, agora, atuar em “um país muito mais urbanizado e onde os problemas urbanos e a questão urbana possuíam já enorme visibilidade” (SOUZA, 2010).

Nas comissões da Assembleia Nacional Constituinte, o Movimento pela Reforma Urbana consegue pela primeira vez inserir seus anseios em um texto constitucional no país. A Constituição de 1988 traz em seus arts. 182 e 183 o que muitos consideram a grande vitória do movimento; no entanto, as críticas se colocam a partir da incorporação de um urbanismo científico, planejado em que o “objetivo final e supremo do planejamento urbano alternativo é, sem contestar propriamente a propriedade privada [...] exigir que ela, ao menos, desempenhe uma “função social” para a própria cidade” (SOUZA, 2010).

Em seguida à conquista de uma vasta gama de direitos, as lutas no Brasil e na América Latina se viram eclipsadas por teorias neoliberais que “convertidas em verdades únicas, tienen validez universal, objetivos homogéneos, y eficacia general, independientemente de la geografía local”⁴ (COBOS, 2010) e se enraizaram nos governos e nas políticas públicas de modo que influenciaram decisivamente todo o processo de desenvolvimento da região.

Esse consenso hegemônico, reprodução de ideias de primeiro mundo no terceiro mundo, como formas de sucesso, gerou mazelas sociais e encontrou críticas, e vozes pela “descolonización de las teorías, las prácticas y las políticas urbanas; y sostenemos la necesidad de su construcción regional crítica y consecuente con nuestras realidades concretas y las necesidades de la mayoría de nuestra población”⁵ (COBOS, 2010), assentando então a necessidade de adequação as realidades e as diversidades locais.

Tal necessidade, associada à readequação de fórmulas ideologicamente majoritárias, consubstanciadas nas lutas contra hegemônicas, vieram reforçar a necessidade de mudanças capazes de reduzir drasticamente as desigualdades sociais que, quando não se ampliaram, sequer foram reduzidas pelo modelo econômico vigente, impossibilitando o desenvolvimento em esfera

⁴Transformadas em verdades absolutas (dogmas, talvez), possuem validade universal, objetivos homogêneos e eficacia geral, independente da geografía local. (tradução livre) COBOS, 2010.

⁵ Descolonização das teorías, das práticas e das políticas urbanas; sustentamos a necessidade de uma construção regional crítica e consequentemente com nossas realidades concretas e necesidades da maioria da nossa população (tradução livre)

social através da consolidação dos direitos conquistados. Às cidades, reforçaram-se os espaços calcados no individualismo, obrigando as lutas a reposicionarem seu eixo axiológico:

[M]y argument is that the urban imaginary will need to change radically for things to be different, and a start would be to think the city once again as a provisioning and indivisible commons to which the poor have equal entitlement on a human rights basis⁶. (AMIN, 2013)

A orientação da cidade a partir da centralidade, que se fez também econômica, ou seja, da instalação de políticas públicas e urbanização em zonas centrais e abandono das zonas periféricas, não só resultou em problemas de (falta de) moradia, mas significou ausência dos demais direitos para as populações mais pobres. O direito ao lazer, que ensaiamos tratar neste artigo, tornou-se intocável do ponto de vista crítico diante do abismo gerado pela ineficácia dos demais direitos. Restou como legado a uma elite social apta a consumir, financiar e comprar diversão. É diante deste quadro que o grito da Praia, da re-ocupação do espaço público, vem chamar atenção para toda essa orientação capitalista do espaço. O paradoxo urbano, mais uma vez, reside na insurgência que, a despeito de não resolver as contradições, muitas vezes termina por reproduzi-las em novos formatos.

3. Ensaio sobre a Praça da Estação como resistência à produção (e manutenção) da cidade (capitalista) em Belô

O desejo implícito e explícito do diferente, o desejo de (Minas) ter e chegar ao mar. A Praia⁷ como desejo e resistência à praia, mas como rebeldia ao uso do espaço público.

Mas o que é a Praia ?



Fonte: <https://pracalivrebh.wordpress.com/2010/12/20/pra-voce-o-que-e-a-praia-da-estacao/>

⁶ Meu argumento é que o imaginário urbano precisa mudar radicalmente para ser diferente, e o começo pode ser pensar uma cidade que seja provedora e indivisível do comum em que pessoas pobres tenham direitos iguais a direitos humanos básicos. (tradução livre)

⁷ Utilizaremos Praia para nos referir à Praia da estação

E por que Praia? Por que mar?

— Mãe, que é que é o mar, mãe?
Mar era longe, muito longe dali, espécie de lagoa enorme, um mundo d'água sem fim.
Mãe mesma nunca tinha avistado o mar, suspirava.
— Pois mãe, então o mar é o que a gente tem saudade?
(Um Mar de Saudade – Guimarães Rosa)

Percebe-se que as citações apresentam a ideia de mar e praia como um desejo de encontro, de lazer, de bem estar para todo e qualquer grupo. Pois esse movimento de pessoas e coletivos que surgem para questionar os usos pré-estabelecidos dos espaços da cidade através de ação deve ser considerado como um alerta as autoridades públicas para a questão da gestão dos espaços públicos das cidades.

Quando da contestação literária às lutas históricas para chegar ao mar – necessário para o escoamento da produção do ouro das Gerais, fruto embate entre Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais. Do inalcançável, o desejo: o Outro.

Nesse sentido a respeito de um resgate histórico desse desejo de chegada ao mar, mas de, ao mesmo tempo, apropriação e criação de um mar, um mar mineiro (ou um mar em Minas), Melo (2015) nos apresenta que “essa lamúria geográfica é uma velha conhecida dos mineiros, como já enunciava, com certa ironia e inversão de valores, o governador de Minas Gerais antes e durante a Era Vargas, Benedito Valadares, ao sentenciar que “o mar brame e ruge porque não consegue banhar Minas Gerais”, complementa como a simbologia da Lagoa da Pampulha veio para suprir esse desejo de mar, movimento próximo que ocorreu quando da construção da Lagoa de Furnas, como descreve “é evidenciada também a ideia de que Furnas é o mar, a praia dos mineiros, quando termina sua descrição com o chamado: “Então mergulhe neste mar de Minas”.

4. Retrospectiva e construção dos relatos a partir da análise jornalística: da praça à Praia

Realizamos um recorte nos textos jornalísticos do que ocorreu desde o principio do movimento em 2010 até novembro de 2015, objetivamos evidenciar a trajetória histórica deste movimento sob a lente do Jornal O Tempo de Minas Gerais. Nesse sentido, a principal proposta foi localizar este estudo historicamente como um movimento vivo, o qual vem se consolidando por várias ações contínuas – levantando várias bandeiras de diversos movimentos sociais e, concomitantemente, evidenciando as contradições do cotidiano. O termo *a praia (que aqui optamos por utilizar a Praia, conforme nota de rodapé)*, se construiu a partir de espaço público, em regiões com inexistência de água salgada, distantes do mar. Em contradição aos moldes de

lazer da cidade formal em que para ter lazer, as elites construíam as praças e parques nos moldes europeus, enquanto a Praia servia como o lazer de massa e como protesto a essa forma de utilização e disponibilização do espaço público.

É na praia que grande parte da população que não tinha vestimentas adequadas nem títulos sociais passa seu tempo livre e onde há o encontro heterônimo dessas diferenças, reproduz-se, então, a Praia da estação. E quando não se tem praia perto, a espera pelo mar faz-se tão especial, que a orla acaba se tornando o momento de lazer mais esperado do ano.

Parte-se da compreensão de que o lazer é uma produção cultural histórica, simbólica e subjetiva (lazer como pré-disposição) e que reflete diretamente no processo de decisão e construção dos espaços de uso coletivo. Uma das principais características do lazer é a noção de liberdade e a busca por alcançá-la. Reside no fato de ser livre, ou sentir-se livre o estímulo do brincar, que insurge de um ato de autonomia sendo exercida individualmente e na coletividade.

A raiz da palavra lazer relaciona-se com a noção de ser lícito; permitido, e traduz nos corpos e gestos a sua capacidade de apropriação. De um ponto de vista mais complexo, o lazer abarca os fenômenos sociais⁸, políticos, culturais e está em plena transformação, posto dentro de um tempo histórico e um tempo simbólico, nesse sentido:

Com efeito, os deslocamentos de população para grandes centros não envolvem apenas questões de ordem econômica, demográfica ou urbanística; para o próprio migrante, a mudança não se esgota no problema de uma maior ou menor capacidade de adaptação às exigências do trabalho urbano, mas significa alterações profundas em seu modo de vida, na forma de satisfação de suas necessidades e no aparecimento de novas necessidades. Implica, em suma, um reordenamento de todo o seu estoque simbólico. (MAGNANI, 2003, p.25)

A Praia da Estação surge espontaneamente em 2010, como forma de resistência a um decreto instaurado pela Prefeitura de Belo Horizonte em dezembro de 2009, que proibia eventos e aglomerações na Praça da Estação. A primeira organização do movimento surgiu a partir de um chamado no blog “vá de branco”

Entenda o decreto que proíbe eventos na Praça da Estação

Participe do Protesto “Vá de Branco” em Prol dos eventos na Praça da Estação. No dia 10 de dezembro a prefeitura de Belo Horizonte publicou decreto proibindo eventos de qualquer natureza na Praça da Estação, a partir de 1º de janeiro de 2010. A justificativa, apresentada no decreto 13.798/09 (do dia 09 de dezembro), é sustentada no artigo 31 da Lei Orgânica Municipal. O documento considera a dificuldade em limitar o número de

⁸ “Com efeito, os deslocamentos de população para grandes centros não envolvem apenas questões de ordem econômica, demográfica ou urbanística; para o próprio migrante, a mudança não se esgota no problema de uma maior ou menor capacidade de adaptação às exigências do trabalho urbano, mas significa alterações profundas em seu modo de vida, na forma de satisfação de suas necessidades e no aparecimento de novas necessidades. Implica, em suma, um reordenamento de todo o seu estoque simbólico.” (MAGNANI, 2003, p.25).

peças e garantir a segurança pública nos eventos na Praça e ainda a depredação do patrimônio público – verificada em decorrência da realização dos últimos eventos. Os movimentos e grupos culturais foram pegos de surpresa, como a imprensa noticiou. Participe do protesto, organize discussões: “Vá de branco” (VÁ DE BRANCO, 2009)

Partindo de uma manifestação com embasamento político e uma estética artística, a Praia se ancora em uma ocupação lúdica do espaço público. Sua apropriação reflete em um desejo de reinventar a cidade, questionar os meios privatistas de gestão pública e ocupar a rua de uma forma mais livre e autônoma. Acredita-se que movimentos como *praia da estação* reivindicam o direito de viver e usufruir da cidade, conforme aponta Lefebvre (2011, p. 117):

O direito à cidade não pode ser concebido com um simples direito de visita ou de retorno às cidades tradicionais. Só pode ser formulado como direito à vida urbana, transformada, renovada. Pouco importa que o tecido urbano encerre em si o campo e aquilo que sobrevive da vida camponesa conquanto que o “urbano”, lugar do encontro, prioridade do valor de uso, inscrição no espaço de um tempo promovido à posição de supremo bem entre os bens, encontre sua base morfológica, sua realização prático sensível.

A Praia deixa de ser praça, abandonando, por instantes, suas características redigidas, perenes, deixando de ser um lugar de passagem, para tornar-se espaço de festa e de luta, enquanto apropriação da cidade. É com intuito de apresentar esses momentos de retomada da cidade, ou de reapropriação da praça pela Praia, que optamos por apresentar os dados das sessenta e nove reportagens que ao longo de cinco anos foram escritas pelo jornal O Tempo, por meio de uma apresentação gráfica. Primeiramente organizamos o gráfico (figura 1) para demonstrar quando, ao longo de 2010 a 2015, que ocorreu a Praia da Estação, posteriormente, mapeamos o que foi “dito” pela mídia sobre a Praia, desenhando contornos sobre o processo de construção da Praia e as perspectivas apresentadas pela mídia.

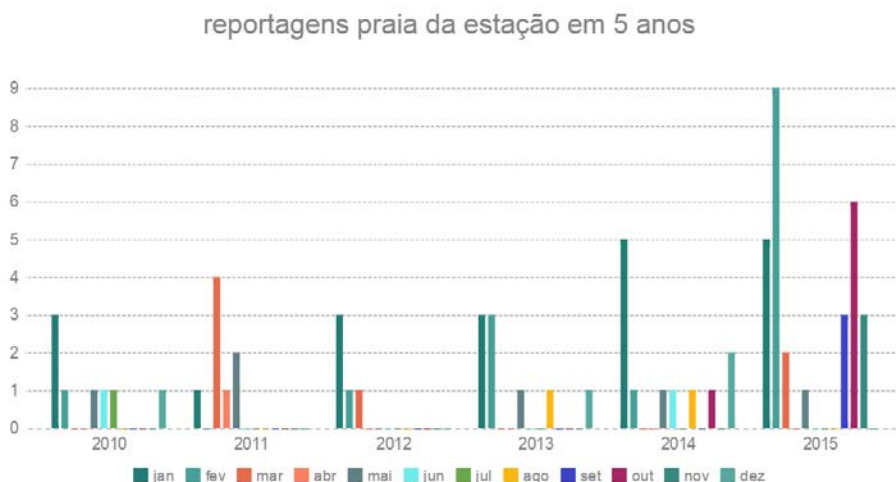


Figura 1 - Gráfico de reportagens sobre a Praia da estação – Fonte: autoras

Para tanto, o primeiro gráfico⁹ mostra que há uma tendência de se falar da Praia da Estação nos meses de verão, e principalmente antes e durante o carnaval. Este dado já nos dá embasamento para afirmar que a praia da estação e o carnaval de rua de Belo Horizonte são movimentos que estão intimamente ligados, como podemos aferir:

Curiosamente, no entanto, os primeiros bloquinhos saíram em 2009, antecedendo em um ano a criação da Praia da Estação. Toda a discussão acerca de marginalização da cidade e o esvaziamento dos espaços públicos já havia sido levantada no carnaval anterior, mas sem a adesão e a visibilidade que a praia alcançaria no ano seguinte. No fim das contas, a praia acabou impulsionando quase imediatamente a retomada da festa de carnaval de rua, de modo que se torna quase impossível distinguir os dois movimentos. (TOLEDO, 2015)

Ambos usam da festa e do lazer como forma de expressão, reivindicando o espaço público e a participação popular. Ao longo do ano, a Praia da estação aparece como citação para exemplificar o movimento cultural que vem ganhando força em Belo Horizonte, desde 2010. Fica claro ao ler as reportagens que a Praia virou um símbolo muito forte de movimento social e transformação na forma de reivindicar algumas causas.

Nota-se também ao analisar o gráfico que no ano de 2012 houve uma diminuição relevante nas reportagens que se tratavam da praia da estação, e as que tiveram se concentraram nos três primeiros meses do ano.

A partir de 2014, o número de reportagens cresce, principalmente porque a mídia passa a dar maior atenção ao carnaval de rua de Belo Horizonte, fazendo uma cobertura completa da maioria dos blocos. Já em 2015, além de uma grande concentração de matérias durante o carnaval, a partir de setembro a Praia da Estação volta a estar muito ativa, e causando uma ampla discussão sobre cidadania e luta pela diferença de gênero.

Um fato relevante acontece em outubro, quando o evento é transferido para a Praça da Savassi¹⁰, e a associação de comerciantes da região demonstra resistência ao evento. Não por coincidência, um dia antes do evento da Praia da Praça da Savassi, as fontes de água que foram desligadas desde 2010 na Praça da Estação voltam a funcionar. Este evento causa ampla discussão sobre a quem a prefeitura está a serviço.

O caráter subversivo do movimento tem a potência de desagregar e reagregar lógicas

⁹ Foram levantadas 71 reportagens que abordavam a Praia da Estação.

¹⁰ A Praça da Savassi está localizada na região da Savassi, que tem como característica ser uma região comercial de padrão alto.

que operam no cotidiano da cidade. Este é um dos motivos mais evidentes para a resistência dos comerciantes da Savassi em ter uma Festa em suas fontes.

Convém destacar que a festa como experiência espacial da cidade dá-se pelo vivido, pela experiência dos corpos, em que os conflitos entre ordem e desordem materializam-se. Para Sennet (2003), o corpo é aprisionado na cidade contemporânea, a liberdade e os gestos corporais são negados pela cidade. Dessa forma, a multiplicação dos corpos rumo ao “Corpo Social” (LEFEBVRE, 2000, p.283) faz da Festa um fenômeno que leva o homem para fora das condições de normalidade, geradas pela satisfação e prazer, junto a um estado de subversão.

Sob esse ângulo, a festa concretiza-se na cidade com um princípio revolucionário, dentro deste princípio Lefebvre aponta que “a revolução não se define, pois, unicamente no plano econômico, político ou ideológico, porém mais concretamente pela eliminação do cotidiano” (1991 p.44).

A eliminação do cotidiano não se dá, sem dúvidas, com pequenas realizações, que poderiam muito mais se aproximar de “fagulhas”, de possibilidades de alcançar o possível, mas trazem a tona experiências empíricas, o que poderia ser muito próximo da noção lefebvriana de resíduos. O gráfico abaixo demonstra a sintonia entre a Praia da Estação, lutas urbanas e o desejo de ocupação da cidade e de chegar ao mar.

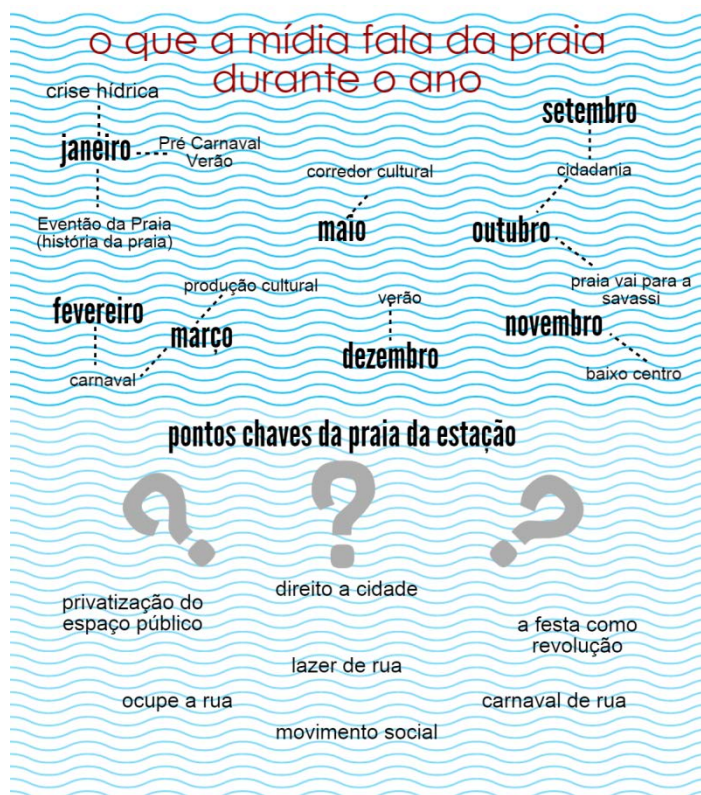


Figura 2 - Diagrama dos temas mais abordados pelo movimento e pela mídia.
Fonte: própria. **Edição:** Izabella Galera

Conforme já mencionado, na imagem acima realizamos um diagrama dos principais temas abordados nas reportagens estudadas. Janeiro é o momento em que a praia da estação comemora seu aniversário, e a mídia aproveita para fazer uma retrospectiva, muitas vezes repetida, do surgimento do movimento, e constantemente enfatiza a quantidade de pessoas presente. Acompanhado com o aniversário do movimento, é no “Eventão” da Praia que marca a abertura para os ensaios de carnaval, e conseqüentemente uma sequência de “praias da estação” que acontece até o final do carnaval.

Em fevereiro o foco é a cobertura dos blocos de carnaval, que em grande parte passa pela Praça da Estação. A partir de março, as reportagens começam a apresentar os produtores culturais de Belo Horizonte, e muitos deles estão envolvidos diretamente com o carnaval e a praia da estação.

Com isso percebemos que, como o caráter político é o bojo da Praia, os eventos sempre são acompanhados de um determinado momento político vigente, levantando bandeiras que, ademais de questionarem a privatização do público, realizam críticas ao modelo de cidade implementado, de uma cidade espetacularizada e privatizada. Ciclo ativistas, feministas, movimento pela diferença de gênero, tarifa zero, movimento anti-Copa, entre outros aparecem como bandeira para determinada causa.

Conforme Natacha Rena, coordenadora do grupo de pesquisa Indisciplinar e professora da Escola de Arquitetura da UFMG, apresenta em uma entrevista para o jornal “O Tempo”, à praia é uma nova forma de fazer política:

São movimentos de potência estética, que aglutinam muitas pessoas e são diferente de partidos e sindicatos, porque não precisam de panfletos, microfones e carros de som (...) Eles são festivos, performáticos, mas também estão ocupando a câmara municipal, questionando a prefeitura, fazendo denúncias ao Ministério Público. A maioria é formada por uma classe média de estudantes e artistas, mas que estão junto com os movimentos sociais de base. (ALMEIDA, 2015)

É nítido que, quando um governo local se torna mais conservador e fechado ao diálogo com a população, alguns grupos acabam avançando debaixo para cima e de certa forma para contrapor-se com este governo. Cabe ressaltar que a Praia se pretende ser um movimento horizontal e em rede, não pertencendo a nenhum partido político nem a grupos dominantes. Ela expressa a luta pelo direito a cidade e é encabeçada principalmente por jovens, como podemos ver na seguinte reportagem publicada no dia 22 de novembro de 2015 foram publicadas duas reportagens no jornal analisado:

Você praça, acho graça. Você prédio, acho tédio”, diz a mensagem na parede de um dos edifícios do centro de Belo Horizonte. Entre a crítica e o lúdico, a poética pichação reflete um dos anseios contemporâneos dos habitantes das megalópoles: a retomada do espaço público como lugar de encontro e troca. Em detrimento de um modelo de vida condominial, atores do cotidiano urbano buscam cada vez mais o convívio em praças e ruas das cidades, muitas vezes viabilizado por meio da cultura e da ação política – como no caso de Belo Horizonte. Na capital mineira (que vive um processo cultural de resgate do espaço público desde 2009, com movimentos como a Praia da Estação e o Carnaval de rua), pipocam eventos culturais e shows a céu aberto. (BUZATTI,2015)

No domingo, (22/11/15) a praia ocupou o centro da cidade para protestar contra as mineradoras Vale e a Samarco devido o rompimento da barragem do fundão, em Mariana, que ocorreu em outubro e ocasionou um dos maiores desastres ambiental do Brasil. Nas ruas, o grito emana dizendo que não foi acidente, não foi tragédia, foi crime. Posteriormente a este evento, muitos foram os golpes que vem sucessivamente ocorrendo no Brasil, e neste sentido a Praia da Estação sempre ocorre como palco de articulação de diversas pautas que avançam contra o retrocesso de nossas liberdades individuais e coletivas.

Diante disto a praia pode ser visto como um movimento muito plural e heterônimo porque não tem liderança formal, manifestando-se como uma festa, o que acaba atraindo pessoas que não iriam a uma manifestação convencional. (ALMEIDA, 2015)

Portanto, tornam-se imprescindíveis discussões públicas sobre o espaço social, pois o mesmo não é apenas um produto das relações sociais, ele é uma condicionante dessas relações, tornando-se impossível separá-los.

5. Conclusão

O movimento da Praia da Estação já está consolidado e faz parte da vida urbana de Belo Horizonte. Ele, juntamente com outras ações culturais e políticas advindas de “baixo para cima” vem reinventando o uso de vários espaços públicos na capital, atraindo pessoas que nunca estariam tomando banho de caminhão pipa na praça em suas vidas cotidianas, e nem mesmo pensaram que estariam ali por uma causa social.

A cidade está se permitindo experimentar novas possibilidades de apropriação do espaço público, que muitas vezes são minadas de preconceito e impedimentos tanto pela sociedade como pelo poder público.

Entretanto, com a grande aceitação e sucesso do movimento, e tendo em vista a transformação que vem ocorrendo no baixo centro de Belo Horizonte, há de se ficar atento para que o clássico interesse de especulação e valorização do local surja com nomes e imagens

bonitas, mas com o mero interesse de higienização do espaço.

A Praia é plural, heterônoma, por lidar com irreverência e alegria questões tão serias da cidade, sem deixar de estar ancorado a movimento de base, ocupando a câmara dos vereadores, lutando para um plano municipal de cultura, e buscando ao máximo a democratização da cidade.

Consideramos o lazer como prática potente para experimentarmos outras lógicas espaço/temporais, entendidas neste ensaio como formas de subversão e desvio. Nesse sentido, proclamamos o lazer como subversão por apresentar outros meios de apropriação na cidade, com participação ativa de quem habita nos territórios, abarcando assim uma dimensão revolucionária e rompendo com as formas hegemônicas de produção do espaço.

Fazendo uma retrospectiva das reportagens que abordou a Praia, ora de forma detalhada, ora como exemplo de movimento e processo de transformação cultural, o fato de apenas um jornal publicar 71 (setenta e uma) reportagens em cinco anos já evidencia que a Praia é um movimento social que conseguiu visibilidade e tem reivindicações muito claras.

A festa é uma forma de revolução, pois tanto a festa, quanto a revolução, tem o poder de expor os conflitos que existem, e desta forma, ser capaz de transformar as estruturas sociais. É na festa que o homem cotidiano reencontra sua relação com o espaço. E, é na Praia que Belo Horizonte briga pelo Mar e pelo uso do espaço público como manifestação coletiva e cultural.

6. Referências

ALMEIDA, B. Pelo 5º ano, Praça da Estação de torna “Praia da Estação”. *Jornal O Tempo, Contagem*, 10, jan. 2015.

AMIN, A. *Telescopic Urbanism and the Poor*. Forthcoming, City, 2013.

Blog. Vá de Branco. Entenda o decreto que proíbe eventos na Praça da Estação. Disponível em: <<http://vadebranco.blogspot.com.br/>>. 21, nov. 2015.

BUZATTI, L. A Praça é Nossa! Eventos em espaços abertos e públicos se multiplicam em Belo Horizonte. *Jornal O Tempo, Contagem*, 22, nov. 2015.

CARLOS, A. F. A. A tragédia urbana. In: CARLOS, A. F. A.; VOLOCHO, D.; ALVAREZ, I. P. *A cidade como negócio*. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

COBOS, E. P. Teorías y Políticas urbanas. *R. B. Estudios Urbanos e Regionais*, v.12, n.2 / NOVIEMBRE. 2010.

DUARTE, A. Hannah Arendt e o pensamento `da´ comunidade: notas para o conceito de comunidades plurais. In: *O que nos faz pensar*. Revista de Filosofia da PC-RJ v.29, 2011.

HEHL, R. A convergência de micro e macroatores rumo a redes multiescalares para intervenções

urbanas. In: ROSA, M. L. Micro Planejamento: práticas urbanas criativas. São Paulo: Editora Criativa, 2011.

HOLLOWAY, J. Fissuras: a antipolítica da dignidade. In: Fissurar o capitalismo. São Paulo: Publisher Brasil, 2013.

HOLSTON, J. Segregando a cidade. Cidadania insurgente. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LÉFÈBVRE, H.. O direito à cidade. São Paulo: Centauro, 2011.

_____. A vida cotidiana no mundo moderno. São Paulo: Ed. Ática, 1991.

_____. La production de l'espace. Paris: Anthropos, 2000 [1974].

LUTTER, B. E pra você, meu irmão, o que é a Praia da Estação? Disponível em: <http://pracalivrebh.wordpress.com/2010/12/20/pra-voce-o-que-e-a-praia-da-estacao/>. Acesso:13/06/12.

MAGNANI, J. G. C.. Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em antropologia urbana. São Paulo: Terceiro Nome; NAU, 2012.

MELO, T. M. Praia da Estação: carnavalização e permorfatividade. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. p.19-21.

NAWRATEK, K. Public space doesn't exist (and neither does private). In: Holes in the whole. UK: Zero Books, 2012.

On the Commons: A Public Interview with Massimo De Angelis and Stravros Stavrides. E-Flux Journal, v.17, jun-aug, 2010.

SENNETT, R. O carne e a pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Tradução de Marcos Aarão Reis. 3 ed., Rio de Janeiro: Record, 2003.

SOUZA, M. L. Planejamento urbano alternativo?. O Desafio Metropolitano. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

TOLEDO, D. A revolução por meio da festa. Jornal O Tempo, Contagem, 23, fev. 2013.

Data de envio: 15 de setembro de 2018

Data de aprovação: 20 de dezembro de 2018

Como citar:

COELHO, Helena Carvalho; GALERA, Izabella; SANTOS, Maria Clara. O lazer como resistência à produção da cidade: ensaio sobre a praia da estação em Belo Horizonte (2010-2015). **Revista Científica Foz**, v. 1, n. 3, p. 56-71, mar. 2019.